



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**

**CURSO DE JORNALISMO**

**LUCAS DE PAULA OLIVEIRA**

**RADIODOCUMENTÁRIO “CAMPONESA FM: A OCUPAÇÃO DO LATIFÚNDIO  
DA COMUNICAÇÃO”**

**FORTALEZA**

**2023**

LUCAS DE PAULA OLIVEIRA

**RADIODOCUMENTÁRIO “CAMPONESA FM: A OCUPAÇÃO DO LATIFÚNDIO  
DA COMUNICAÇÃO”**

Trabalho laboratorial apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo sob a orientação do Prof. Ismar Capistrano Costa Filho.

**FORTALEZA**

**2023**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- O48r Oliveira, Lucas de Paula.  
Radiodocumentário “Camponesa FM: a ocupação do latifúndio da comunicação” / Lucas de Paula Oliveira. – 2023.  
48 f. : il. color.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Fortaleza, 2023.  
Orientação: Prof. Dr. Ismar Capistrano Costa Filho.
1. Rádio. 2. Comunicação. 3. MST. 4. Radiodocumentário. I. Título.

CDD 070.4

---

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho concretiza um sonho não apenas meu mas de uma mulher que dedicou a vida para tornar esse momento possível. Por isso, meu agradecimento inicial vai para a pessoa mais importante da minha vida, minha mãe, Ducineide.

Obrigado Luana, minha prima/irmã que está ao meu lado desde sempre e acompanhou pelas brincadeiras de infância, o início do meu amor pela comunicação. Olha só no que deu!

Agradeço à turma que esteve comigo durante a graduação, eu não poderia ter colegas melhores. Destaco aqui Samuel, Victória, Raiane e Wedson, pessoas maravilhosas e profissionais super competentes, sinto falta da nossa sintonia afinada e leve.

Faço questão de mencionar nesse documento a importância da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (Enecos) na minha trajetória dentro do curso. Além de incentivar o olhar crítico à comunicação, a Executiva foi responsável por momentos que vou levar na minha memória por toda a vida.

Muito obrigado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em especial aos moradores de Palmares nos nomes de Pedro Neto, Cesarina e Karol que me acolheram de uma forma tão gentil. Espero contar suas histórias da melhor maneira

Agradeço ao professor Ismar Capistrano por me apresentar com tanto entusiasmo as experiências de comunicação comunitária no Ceará, o que deu origem a esse trabalho, assim como por todo o suporte e compreensão na condução da orientação.

Muito obrigado à Gabriela, ao Yago, ao Bergson e ao William por compartilharem a vida comigo com tanto amor e cuidado. Muito do que há em mim é parte de vocês e tenho certeza que essa conquista vai ser celebrada como merecemos.

Agradeço também ao Caetano que nunca mediu esforços para me dar todo o apoio possível e fazer esse sonho se concretizar.

## Sumário

<b>RESUMO</b>	<b>5</b>
<b>Introdução</b>	<b>6</b>
<b>1. A rádio pelo rádio</b>	<b>7</b>
1.1 Linguagem radiofônica	8
1.2 Radiodocumentário	9
<b>2. Comunicação popular</b>	<b>10</b>
2.1 Rádios comunitárias e rádios livres	12
2.2 Comunicação no MST	13
2.3 Camponesa FM	14
<b>3. Etapas de elaboração do radiodocumentário</b>	<b>15</b>
3.1 Pré-produção	16
3.2 Produção	19
3.3 Pós-produção	21
<b>4. Considerações Finais</b>	<b>23</b>
<b>APÊNDICE</b>	<b>26</b>
APÊNDICE A - PAUTA PARA ENTREVISTAS	26
APÊNDICE B - ROTEIRO	33

## RESUMO

O rádio vai acabar? As discussões em torno do rádio, após mais de 100 anos do seu início no Brasil, apresentam, por diversas vezes, caráter pessimista pelo surgimento de plataformas de comunicação mais modernas. Em contraponto, pesquisas apontam que, na região Nordeste do Brasil, por exemplo, o meio de comunicação segue presente na vida de 80% desse público. Nesse contexto, disputas de poder se estabelecem até mesmo pelas ondas do rádio e emergem a luta pela democratização da comunicação. O radiodocumentário “Camponesa FM: a ocupação do latifúndio da comunicação” amplia a discussão sobre comunicação popular e democrática a partir da história da rádio construída em Palmares, um Assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, no sertão do Ceará. O referencial teórico embasou a compreensão tanto da linguagem utilizada, quanto dos contextos em que o tema trabalhado está inserido. A partir da condução guiada pelas técnicas do jornalismo, seja da produção da pauta à construção do roteiro, o radiodocumentário trabalha a narrativa de forma imersiva e utilizando os diversos elementos que categorizam a expressão radiofônica. Por fim, o trabalho concluiu que a reflexão proposta pelo trabalho amplia as percepções e discussões em torno de questões latentes na sociedade, como por exemplo, a luta de movimentos sociais no Brasil, o direito à comunicação e as formas comunicação popular.

**Palavras-chave:** Rádio; Comunicação; MST; Radiodocumentário

## **Introdução**

A graduação é uma fonte rica de experiências que ampliam o olhar e podem mudar concepções sobre o próprio curso. Idealizar e produzir o radiodocumentário “Camponesa FM: A Ocupação do Latifúndio da Comunicação” é o resultado do encerramento de um ciclo iniciado em novembro de 2017, na primeira visita que fiz ao Assentamento Palmares, em Crateús.

Por meio do Projeto de Apoio à Comunicação Alternativa, Cidadã e Comunitária (Cacco), ação de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), tive a oportunidade de conhecer a Camponesa FM e seus comunicadores, além de trocar conhecimentos sobre comunicação popular. Fomos em um grupo de 3 alunos com acompanhamento do professor Ismar Capistrano para ministrar oficinas sobre técnicas do rádio e confesso que aprendemos muito mais do que ensinamos.

O contato com o assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) permitiu a compreensão na prática dos impactos diretos da comunicação comunitária e aproximou minha trajetória acadêmica e pessoal aos movimentos sociais, a partir de então. Dessa forma, esse Trabalho de Conclusão de Curso se mostra como uma grande oportunidade de compartilhar uma experiência que teve impacto direto na minha formação e de dar um retorno à comunidade de Palmares.

A produção busca mostrar os êxitos e desafios da implantação de um meio de comunicação em um assentamento do MST no sertão do Ceará pela história da Rádio Camponesa FM. Para isso, os próprios assentados contam seus relatos, revisitando lembranças de antes mesmo da ocupação de terras que originou Palmares. A união de falas permite a compreensão de todo o enredo além do contexto histórico em que o objeto estudado está inserido.

A força da oralidade no assentamento, tanto para a educação, quanto para a comunicação, foi fator importante na decisão pela construção de um radiodocumentário. A escolha alinhou-se ao formato que mais me identifiquei durante a graduação.

Falar sobre comunicação em assentamentos é dar luz à luta contra-hegemônica e à busca constante pela garantia de direitos fundamentais do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Pela falta de representatividade e distorção dos ideais do movimento na

mídia, ao longo dos anos, representações sociais como o MST sentiram a necessidade de criar seus próprios meios de comunicação. Os jornais de circulação interna se expandiram a portais, programas e, com a possibilidade de trabalho com a radiodifusão, veículos inteiros de comunicação de controle e participação de toda a comunidade de assentados.

Dessa forma, cria-se uma nova construção de produção de comunicação popular, com características que se aproximam do perfil de rádios comunitárias, com a maior liberdade no espaço do campo e linguagem alinhada com as diretrizes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Para fundamentar a produção são trazidas reflexões teóricas acerca da linguagem do rádio, meio escolhido para contar essas histórias, assim como dos seus formatos, a análise se estende à compreensão do próprio objeto de estudo e todo o contexto ao qual está inserido. As características que definem como comunitário o meio de comunicação estudado norteiam toda a produção que resultou na construção do produto final.

## **1. A rádio pelo rádio**

Apesar do surgimento e popularização de outros meios de comunicação e disseminação de informação, o rádio, após mais de 100 anos da primeira transmissão no Brasil, segue atuante e incorporando a sua linguagem para plataformas mais atuais e modernas. Ao longo de tantas décadas, esse formato tem cumprido o seu papel de levar informação, diversão e cidadania a cada ouvinte.

A comunicação pela oralidade permite uma disseminação de conteúdo mais abrangente e inclusiva, o acesso ao rádio não sofre influência de classe social, nível de escolaridade ou mesmo de localização geográfica. As produções radiofônicas fortalecem as características de proximidade que o meio se propõe, atingindo ouvintes individualmente, ao mesmo passo que cria um senso de coletividade, reforçando a cultura de uma comunidade (MODESTO; GUERRA, 2011).

A radiodifusão tem a capacidade de chegar às regiões mais distantes dos grandes centros urbanos e, dessa forma, ser uma aliada à cultura e à educação do país. Na região Nordeste, a influência do meio é notória. Segundo dados da pesquisa inédita realizada pela Kantar IBOPE Media sobre os hábitos de consumo de conteúdo no Nordeste, o rádio atinge 80% da população da região, com uma média de mais de 3 horas diárias de audição.

Além disso, mais de 30% dos consumidores afirmaram que o rádio online está mudando a maneira como consomem conteúdo. A pesquisa reforça o caráter popular e resistente desse meio de comunicação entre tantos outros meios concorrentes.

Dessa forma, o radiodocumentário “Camponesa FM: a ocupação do latifúndio da comunicação” buscou acessar as características exitosas das produções radiofônicas para a construção da narrativa voltada ao próprio veículo. Para isso vale-se de análises e aplicações dos conceitos acerca da linguagem e formato inerentes ao rádio.

### **1.1 Linguagem radiofônica**

O rádio cumpre o papel de comunicar aos seus receptores através da simplicidade e clareza da oralidade. Essa linguagem permite uma proximidade maior entre interlocutores e transmissão direta das narrativas construídas pelas produções radiofônicas. Desse modo, o projeto experimental buscou adotar essa interlocução para contar a história de uma experiência de comunicação em um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Ceará.

A objetividade característica das produções jornalísticas ganham novas possibilidades nos trabalhos radiofônicos, tendo em vista que a atenção dos ouvintes precisa ser instigada a todo o momento. A falta de elementos visuais, comuns a outros formatos, é superada através de estratégias que o próprio meio permite pelos principais elementos que a sustentam: a palavra, a voz e a sonoplastia, como reflete Silva (1999). César (2005) afirma que esses elementos podem ser utilizados em qualquer produção de rádio, independentemente do formato, conteúdo ou duração.

A narrativa sonora se constrói a partir de um texto de fácil entendimento na recepção da locução, usar palavras e expressões simples é o caminho mais rico à produção. A linguagem clara, objetiva e coloquial nos diálogos e falas é essencial nos textos de rádio (CÉSAR, 2005). O processo de escrita está atento então, a compreender que “o recurso será apenas sonoro, daí a necessidade de utilizar-se de descrições eficazes, que possam produzir na mente dos ouvintes uma imagem que muitas vezes transcende ao real” (OLIVEIRA e VIEIRA, 2010, p. 5).

A forma como a mensagem é transmitida vai determinar o tom da produção e o impacto da informação aos ouvintes. O processo de tradução do texto escrito para o oral é

tratado por Silva (1999) com destaque para a atuação da locução, na qual a voz é aplicada como elemento fundamental para dar personalidade à narrativa e conduzir o tema. Além da locução, a inserção de entrevistas dá veracidade ao tema e possibilita a proximidade com os receptores.

Segundo Ferraretto (2014), a linguagem do rádio pode integrar a fala, a música, os efeitos sonoros e, também, o silêncio, que podem ser usados em diferentes quantidades e posições dentro do roteiro. Recursos sonoros como os citados anteriormente, garantem ao rádio uma comunicação diversa e atrativa. Sobre esses elementos, Oliveira e Viana (2010) refletem.

Os recursos sonoros funcionam como um elemento semiótico que interage diretamente com o imaginário do ouvinte, por meio deles o ouvinte chora, ri e até pode ser despertado para ira, ao associar o que ouve às suas experiências vividas e à visão que tem do mundo. No que tange ao silêncio, mencionam-se aqui as interrupções cujo objetivo seria despertar no ouvinte o ato reflexivo e ainda acentuar ou reduzir determinados aspectos dramáticos contidos na voz do comunicador. (OLIVEIRA e VIEIRA, 2010, p. 4).

A compreensão das principais características de linguagem do rádio norteiam o caminho para o desenvolvimento do projeto e facilitam o entendimento do formato do produto radiofônico, a partir das necessidades do enredo a ser trabalhado.

## **1.2 Radiodocumentário**

As produções jornalísticas desenvolvidas no rádio são veiculadas nos mais diferentes formatos, como pequenas notas, reportagens, debates e radiodocumentário, esse, demandando um maior esforço com pesquisa, estruturação e edição. De acordo com Carmem Lúcia José (2003), o gênero expande a documentação da notícia, pois diferentemente do jornalismo de produção mais ágil, não se prende apenas ao lide, mas trabalha uma história por completo, utilizando falas de personagens e fontes que confirmam a história narrada.

[...] cada documentação pode se tornar um aspecto do tema; portanto, são vários recortes tratados para compor uma generalidade sobre o tema. Cada aspecto não é simplesmente apresentado como parte de um relato que deve corresponder ao fato, torná-lo verossímil; cada aspecto deve ser tratado como constituinte da generalidade, ou seja, ser a confirmação ou a negação validada pela construção do discurso. Assim, no documentário, os vários aspectos podem ou não ser fragmentos da realidade, mas não precisam aparecer como tal; são apresentados, isto sim, como constatações devidamente sustentada por seus argumentos ou pela força afetiva do relato (JOSÉ, 2003, p. 6-7).

Uma das características principais do radiodocumentário é o aprofundamento e detalhamento do enredo escolhido, em um tempo superior, se comparado a outros formatos de produções jornalísticas. Para isso, é necessária “uma produção mais acurada, com pesquisa aprofundada, levantamento de dados e apuração com fontes diversas” (PESSOA, 2010 p.496). As produções têm, assim, um nível maior de complexidade em todas as etapas, da pré-produção à edição. Esse fator, assim como o período estendido de reprodução são determinantes ao observar que esse formato é menos recorrente no país.

Para Detoni (2007), o radiodocumentário pode ter quatro categorias de abordagens, levando em consideração como o tema proposto melhor se adapta. A primeira delas é o documentário jornalístico, em que são pautadas questões contemporâneas de forma detalhada; A segunda, é o documentário histórico, no qual o passado é resgatado e apresentado aos ouvintes; A terceira, é o documentário cultural, voltados para a arte como temática central; A quarta, são os documentários de abordagem filosófica ou psicológica, aborda temas de teor mais abstratos, como crenças, expressões e relações humanas.

## **2. Comunicação popular**

A comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina. É um tipo de comunicação que emerge da ação de grupos populares e age de forma simbólica na disputa por espaços dominados por grupos de comunicação tradicionais.

Esse formato exige uma intensa participação da comunidade no processo de comunicação. O receptor, muitas vezes, se confunde com o próprio emissor e os processos de interlocução realizam-se de forma democrática.

Peruzzo (1998) engloba a participação popular em três principais modalidades: a participação passiva, em que o exercício do poder é aplicado de forma autoritária e os receptores consentem com o que é transmitido; a participação controlada, em que as tomadas de decisões são parciais e limitadas; e a participação-poder, em que a integração ativa, autônoma e democrática é favorecida.

A comunicação comunitária é efetivada com a comunidade, e não tão somente para a comunidade. Para que ela funcione efetivamente é preciso que os entes que se utilizam dela participem da sua construção. Seu principal esforço se dá no sentido de democratizar a comunicação e livrá-la do rótulo da falsidade, bem como do serviço prestado ao controle social dos poderosos sobre o conjunto da sociedade, sobre a maioria despolitizada desapropriada dos meios de produção material e cultural. (OLIVEIRA, 2009).

Nesse contexto de participação democrática, nota-se que “todo o receptor de mensagens dos meios de comunicação tem o potencial de se tornar sujeito da comunicação, um emissor” (PERUZZO, 1998, p. 250). O poder de comunicar chega a todos de forma compartilhada.

A partir dessa possibilidade de participação dentro da construção da própria comunicação, o acesso a esse direito fundamental possibilita uma maior mobilização e conscientização das pessoas envolvidas, além de gerar uma rica produção de conteúdos dedicados às temáticas locais, por vezes, ignorados pela grande mídia.

## **2.1 Rádios comunitárias e rádios livres**

No que se trata de radiodifusão, a comunicação comunitária pressupõe a regulamentação para funcionamento no Brasil, pela Lei 9.612/1998 que rege o Serviço de Radiodifusão Comunitária, regulamentada pelo Decreto 2.615/1998. A constituição prevê regras para esse perfil que vão da concessão ao conteúdo trabalhado nos programas.

Segundo Oliveira (2009), alguns itens resumem as regras que uma Rádio Comunitária (RadCom) deve cumprir para operar: Ter alcance máximo de 1 km; promover matérias jornalísticas locais; respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família; dar oportunidade à difusão de ideias, elementos de cultura, tradições e hábitos sociais; oferecer mecanismo a formação e integração à comunidade estimulando o lazer, a cultura e o convívio social; prestar serviço de utilidade pública; contribuir para o aperfeiçoamento profissional, de conformidade com a legislação vigente; permitir a capacitação dos cidadãos no exercício do direito à expressão; garantir espaço na programação das entidades comprometidas com trabalhos comunitários, para a divulgação de seus planos e finalidades; garantir o princípio de pluralidade de expressão em matérias polêmicas; ter um conselho comunitário para definir e coordenar a sua programação; manter em dia os registros da sua programação em textos e fitas; sempre desenvolver integração à comunidade atendida; garantir gratuidade dos horários da sua programação para a participação de todos os cidadãos locais.

O movimento das rádios livres pode ser considerado como um dos reflexos do Maio de 68<sup>1</sup>, movimento contestatório influenciado por estudantes e operários franceses. Os grupos realizavam transmissões radiofônicas sem as devidas autorizações e viveram seu melhor momento na década de 70, onde passou a ser colocado em xeque o conteúdo das rádios oficiais.

As rádios livres representam, antes de qualquer outra coisa, uma utopia concreta, suscetível de ajudar os movimentos de emancipação desses países a se reinventarem. Trata-se de um instrumento de experimentação de novas modalidades de democracia, uma democracia que seja capaz não apenas de tolerar a expressão das singularidades sociais e individuais, mas também de encorajar sua expressão, de lhes dar a devida importância no campo social global (GUATTARI, 1986, p.10).

Essas emissoras davam voz a vários setores sociais, que até então não possuíam um canal legítimo de expressão. Anos depois, o formato segue sendo reproduzido em

---

<sup>1</sup> Movimento em que jovens de diversos países questionavam as estruturas sociais em que viviam. Os participantes eram críticos à Guerra Fria, ao capitalismo, à bipolaridade política e às corridas armamentista, nuclear e espacial.

diversos países, e se integrando a movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

## **2.2 Comunicação no MST**

A história da humanidade confirma que a propriedade de terra sempre esteve conectada com a disputa pelo poder. Os conflitos gerados a partir da luta por território marcam a história de diversas nações pelo mundo, desde o início. “A luta pela terra no Brasil nasceu naquele mesmo instante em que os portugueses perceberam que estavam em uma terra sem cercas, onde encontravam tudo muito disponível” (MORISSAWA, 2001, p. 57).

As questões territoriais estiveram sempre latentes na história do país, porém, foi no período de abertura para redemocratização do Brasil, ainda no fim da Ditadura Militar, nos anos 80, que movimentos sociais do país, tão reprimidos em décadas anteriores, ganharam força e destaque. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra surgiu oficialmente em 1984 dentro do 1º Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, no Paraná-SC, como forma de manifestação popular unificada de combate à desigual distribuição de terras, característica histórica do Brasil, por conta da base latifundiária.

A luta do MST tem como demanda principal a distribuição justa de terras ao povo através da Reforma Agrária, para isso, dentre as diversas ações integradas, o movimento mobiliza-se por ocupações, realizadas majoritariamente em propriedades de terra em situação irregular ou ilegal. Além da pauta da luta pela terra, o MST também inclui-se na busca por mudanças sociais no país.

O movimento organiza-se em uma estrutura democrática e participativa de forma a se opor à hegemonia estabelecida em todas as instâncias pelas figuras detentoras de poder. Por isso, constituem-se territórios de resistência, tensões e contradições ao modo de produção capitalista (FERNANDES, 2004). Nos assentamentos e acampamentos, as famílias dividem-se em núcleos que discutirão as necessidades de cada área. Os núcleos podem ser divididos em: frente de massas; formação política; educação; produção; comunicação; projetos; gênero; direitos humanos; saúde; finanças; relações internacionais; cultura; juventude; LGBT sem terra.

No Sertão dos Crateús, interior do Ceará, está localizado Palmares, fruto de uma ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, realizada em 1993. A vila é formada majoritariamente por famílias de agricultores e é considerada pelos próprios dirigentes do movimento como uma das mais articuladas e participativas do estado. Os camponeses enfrentaram muita resistência para se firmar na região e lutam diariamente para garantir direitos fundamentais.

A força política do assentamento tem expandido as fronteiras da localidade e formado representantes do movimento no estado. Nas eleições de 2022, um dos assentados, o "Missias do MST", se tornou deputado estadual, o primeiro representante do movimento na Assembleia Legislativa do Ceará. Além de Missias, o morador de Palmares, Pedro Neto, tornou-se em 2023, secretário executivo de fomento produtivo e agroecologia na Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Estado do Ceará.

A comunicação surgiu como uma demanda do próprio movimento para fortalecer a educação, cultura e cidadania, além de possibilitar uma maior interação não apenas entre os assentados, como entre comunidades vizinhas.

### **2.3 Camponesa FM**

A falta de representatividade e até mesmo a censura ao movimento pela mídia da região desde o início de Palmares, foi um dos principais incentivos para a construção da Rádio Camponesa FM. O sistema de comunicação popular do assentamento teve início em 1º de abril 2011, pela frequência 95,7 e foi o terceiro projeto de comunicação comunitária radiofônica a ser desenvolvido pelo MST no Ceará. Os primeiros passos da Camponesa FM foram acompanhados com todo o suporte do movimento, assim como do curso da Universidade Federal do Ceará de Jornalismo da Terra e de projetos de extensão da própria UFC, como o Projeto de Apoio à Comunicação Alternativa, Cidadã e Comunitária.

Um dos maiores êxitos da rádio é a grande participação popular na construção da programação. São donas de casa, agricultores, aposentados e estudantes no comando de programas que refletem o cotidiano dos assentados em programas como “Viola Camponesa”, “Falando ao Coração”, “Sem Terrinhas em Ação” e “Parada Esportiva”.

A Camponesa FM segue as principais características de uma rádio comunitária já apontadas anteriormente neste trabalho, apesar de não ser oficializada pelo governo como

tal. A ausência de outorga para funcionamento da rádio desde a sua criação é uma decisão acertada internamente pelos integrantes do movimento por conta das limitações de alcance impostas às rádios neste perfil. Para os comunicadores e dirigentes do movimento, o alcance de 1km é insuficiente para a radiodifusão aplicada no campo, pelas grandes distâncias entre localidades. Estima-se que o sinal da rádio explore cerca de 80 quilômetros de diâmetro. Dessa forma, podemos apontar o comportamento de “Rádio Livre” à experiência de Palmares.

Além dos desafios comuns às rádios comunitárias, como a falta de recursos e a disputa com outras plataformas de comunicação, a Camponesa FM enfrenta dificuldades após a recente mudança de gestão. A ausência de figuras centrais como o ex-coordenador político Pedro Neto teve reflexo tanto na condução da administração como no suporte técnico dos programas.

Em 2023, a rádio passou a sintonizar em 107,5 FM e os comunicadores buscam difundir a nova frequência entre os ouvintes. Na rede social Facebook, os locutores têm encontrado uma nova forma de interagir com o público e integrar a plataforma ao trabalho de forma positiva.

### **3. Etapas de elaboração do radiodocumentário**

A escolha pela construção de uma produção jornalística no formato de radiodocumentário teve por objetivo, apresentar de forma mais aprofundada e detalhada, a história da experiência em comunicação popular vivenciada pelo Assentamento Palmares através da Rádio Camponesa FM.

A produção se encaixa no formato de documentário histórico apresentado por Detoni (2007) e explora elementos que trazem dinamismo à narrativa, como a condução pela locução, a inserção de músicas e a adição de efeitos sonoros.

O processo de produção do radiodocumentário “Camponesa FM: A Ocupação do Latifúndio da Comunicação” foi norteado pelos princípios básicos de apuração jornalística e respeitaram cada etapa necessária para o desenvolvimento do produto, da pesquisa, à produção da pauta, passando pela realização das entrevistas, construção do roteiro, locução e edição final.

O presente capítulo busca apresentar o caminho de desenvolvimento do produto a partir das reflexões teóricas já apresentadas anteriormente, sobre a linguagem do rádio e seus formatos, assim como a comunicação popular aplicada no contexto de movimentos sociais no Brasil.

### **3.1 Pré-produção**

As ideias que deram origem ao projeto do radiodocumentário surgiram em novembro de 2017, em Palmares, já no fim das oficinas sobre comunicação que ministrei com meus colegas e o professor Ismar Capistrano pelo Projeto de Apoio à Comunicação Alternativa, Cidadã e Comunitária (Cacco) da Universidade Federal do Ceará. A partir dessa experiência, estava claro que comunicação popular no estado era o tema principal do meu trabalho de conclusão de curso, mas o objeto a ser estudado ainda precisava ser definido.

No período de deliberações iniciais do trabalho, no segundo semestre de 2022, foi necessário determinar a pauta que seria seguida a partir do tema central já definido. Dessa forma, foi realizado um exercício de listagem de abordagens possíveis, ficando então: rádios comunitárias em Fortaleza, rádios comunitárias no interior do Ceará, rádios de assentamento do MST no Ceará. Pelo impacto da experiência em Palmares, 4 anos antes, a terceira opção se tornou uma escolha fácil.

O próximo passo foi traçar um panorama da situação das rádios livres do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra no estado. Pela falta de informações mais atuais em artigos científicos, no site<sup>2</sup> do MST e até mesmo nas redes sociais do movimento, foi necessário entrar em contato com Aline Oliveira, representante do setor de comunicação do MST no Ceará. Por ligação, em 19 de outubro de 2022, Aline esclareceu que das rádios do movimento no Ceará, apenas a Camponesa FM, do Assentamento Palmares, estava ativa.

Apesar da possibilidade de apresentar a história, por exemplo, da primeira rádio do MST do Ceará, como é o caso da 25 de Maio FM, em Madalena, trazer a experiência de uma rádio ainda em atividade seria mais viável e interessante para a apresentação da narrativa. Pedro Neto, ex-coordenador da Camponesa FM, foi a próxima pessoa contatada,

---

<sup>2</sup> <https://mst.org.br/>

em 27 de outubro de 2022. O objetivo, a partir de então, seria agendar uma visita à Palmares para uma apuração inicial. Apesar de receptivo, o jornalista, que assessorava o candidato a Deputado Estadual Missias do MST nesse período, informou que essa apuração só seria possível após o encerramento do período da campanha política.

A partir dessas definições e contatos iniciais, foram acessadas reflexões teóricas, produtos experimentais e fontes diretas de informação sobre os temas que poderiam ser explorados no trabalho. Para isso, foram feitas pesquisas em livros, artigos, dissertações e outras produções acadêmicas, assim como pela internet, com destaque ao site do MST e à página<sup>3</sup> do Facebook da Camponesa FM.

O retorno ao assentamento era crucial para a compreensão empírica da situação atual da rádio. O acompanhamento online<sup>4</sup> diário da transmissão revelou uma programação escassa de programas ao vivo. A visita se torna possível em 28 de abril de 2023, novamente pelo projeto Cacco da UFC, em oficinas sobre a utilização das redes sociais por iniciativas de comunicação alternativa. Nesse novo encontro com assentados e moradores das localidades vizinhas, o volume de participantes era bem menor, em comparação a 2017, além disso, muitos deles já não eram mais comunicadores da rádio.

Fotografia 1: Oficina do Cacco sobre rádio em Palmares



Fonte: arquivo pessoal (2017)

<sup>3</sup> <https://www.facebook.com/radiocamponesa/>

<sup>4</sup> Pelo site: <https://www.radios.com.br/>

Fotografia 2: Oficina do Cacco sobre mídias sociais em Palmares



Fonte: arquivo pessoal (2023)

Os relatos e reflexões de cada comunicador e ouvinte durante a oficina revelaram as principais mudanças da rádio nos últimos anos, como a intensificação do uso das redes sociais para transmissões e a falta de apoio financeiro aos programas que ainda estavam no ar. Essas e outras observações captadas em rápidas conversas com os locutores entre uma atividade e outra auxiliaram no apontamento de abordagens que poderiam entrar na pauta principal do documentário.

A construção da pauta buscou explorar tópicos que apresentem a história do Assentamento Palmares e, principalmente, da Rádio Camponesa FM de forma que conduza os ouvintes a compreender sobre as principais características que formam uma rádio livre no campo e faça refletir sobre os contextos históricos aos quais a rádio e a comunidade se constrói. Dentre os tópicos, estão: processo de ocupação, início da rádio, participação popular, outorga, política, COVID-19, relação com ouvintes, interação com a internet, problemas de gestão, crise financeira, dentre outros.

Inicialmente, foram pensados 11 nomes do próprio assentamento para as entrevistas, entre comunicadores, ouvintes e dirigentes do MST. A ideia, desde o início, é que esse fosse um produto no qual os assentados conduzissem a narrativa pelas suas próprias histórias. Eles eram as fontes principais e insubstituíveis. A inclusão de uma voz externa, além da locução, como a de um especialista, por exemplo, só seria feita caso a necessidade surgisse após a realização das entrevistas. O que não aconteceu.

O desafio de reduzir a quantidade de entrevistados surgiu para evitar que o radiodocumentário ficasse com excesso de falas e confuso. Foi definido então que seriam entrevistados dois comunicadores da rádio: Zé Paulo e Clodomir Lopes; duas figuras históricas importantes ao assentamento: Francisquinha Rodrigues e Pedro Neto; e dois ouvintes: Cesarina Rodrigues e Venceslau Lopes. Todos os entrevistados já tiveram, em algum momento, passagem pela Camponesa FM, o que enriqueceu ainda mais a apuração e o enredo.

Para cada entrevistado foi desenvolvida uma pauta levando em consideração o histórico no assentamento e a relação com a rádio. É importante destacar, que no caso de Venceslau Lopes, as perguntas voltadas aos comunicadores também foram utilizadas, por conta de seu trabalho como locutor na emissora. O modelo das pautas levou em conta as noções relacionadas a entrevistas de profundidade. A versão na íntegra da pauta geral está disponível no APÊNDICE A.

### **3.2 Produção**

Para a captação das entrevistas seria necessária mais uma visita ao Assentamento Palmares. Viabilizar esse retorno se tornou o maior desafio de toda a produção. São mais de 350 km de distância de Fortaleza a Crateús, o que pode passar de 5 horas de viagem, além disso, ao chegar na cidade, gasta-se por volta de 40 minutos para chegar na Vila Palmares I, onde fica a sede da rádio. A ida e o retorno precisavam ser no fim de semana para se encaixar no período de folga do trabalho, além disso, seria necessária uma carona ao assentamento por algum dos moradores. Após meses de articulações e diversos desencontros de agenda com Pedro Neto, a visita foi possível, nos dias 04 e 05 de novembro de 2023 pelo suporte da Aline Oliveira, da comunicação do MST, e Karol Rodrigues, moradora de Palmares.

Cesarina Rodrigues e Venceslau Lopes me receberam na casa deles e já nas primeiras conversas revelaram a relação próxima que cada um tinha com a rádio, neste momento, percebi que mesmo os ouvintes do radiodocumentário já haviam sido locutores em algum momento. O contato com os outros entrevistados foi bem fácil e feito pessoalmente, de casa em casa. Dessa forma, foram feitas no primeiro dia as entrevistas com Francisquinha Rodrigues e Zé Paulo, e no segundo dia, com Pedro Neto, Clodomir Lopes, Cesarina Rodrigues e Venceslau Lopes.

As gravações foram captadas pelo celular, através do aplicativo “URecorder” e feitas nas casas dos entrevistados, exceto por Zé Paulo que foi na sede da Camponesa FM. O maior desafio da captação foi encontrar o espaço ideal em cada casa para evitar ecos, ao mesmo passo de evitar os ruídos da rua, como latidos de cachorro e barulhos de moto. As entrevistas tiveram a duração média de 40 minutos.

Fotografia 3: Comunicador Zé Paulo no estúdio da Camponesa FM



Fonte: arquivo pessoal (2023)

As entrevistas ajudaram a conduzir a construção do roteiro e apresentaram temas não tratados na produção da pauta, como por exemplo, a influência do líder religioso Dom Fragoso na história do assentamento. Dessa forma, foram selecionadas as principais falas de cada entrevista e distribuídas de maneira que sigam a ordem cronológica e se conectem com os subtemas explorados. Dos entrevistados, Francisquinha Rodrigues era a única que estava presente no início do assentamento, o que justifica a sua maior participação no início da produção.

O texto da locução foi feito, não apenas para guiar o radiodocumentário, mas também, para trazer contextos históricos, dados e informações suprimidas das entrevistas. As principais adições ao material tiveram como fonte o site do MST. Inicialmente, foi pensada em uma construção em que a locução fosse menos presente e, em alguns momentos, as falas dos entrevistados se complementassem em sequência. No entanto, notou-se a necessidade de esclarecer ao ouvinte antes de cada sonora, quem seria a pessoa ao falar, mesmo quando já apresentada, o que aumentou de forma significativa a interferência da locução no produto.

A estrutura do roteiro foi dividida, então, pelos seguintes tópicos sequenciados: Período que antecedeu a criação do Assentamento Palmares, início do assentamento, relação de Palmares com a educação, início da Camponesa FM, participação popular na rádio, problemas e conflitos da rádio e resistência dos comunicadores ativos. O roteiro completo está disponível no APÊNDICE B.

A gravação da locução foi feita em ambiente silencioso e adequado para captação de áudio. Utilizou-se o microfone para jogos “FIFINE” conectado ao computador e gravado pelo programa Audacity.

### **3.3 Pós-produção**

A pós-produção do radiodocumentário “Camponesa FM: A Ocupação do Latifúndio da Comunicação” se deu pela edição dos conteúdos coletados e inclusão de novos materiais. O programa usado para a edição foi o “Adobe Audition” que consegue suprir, de forma completa, todas as necessidades apresentadas pelo roteiro.

Desconsiderando as músicas de plano de fundo, todo o material de apoio em áudio foi captado nos dias das gravações das entrevistas, em Palmares. Para ambientar os ouvintes ao assentamento, foram aplicados áudios gravados no local nos períodos da manhã, tarde e noite. Essa sequência do dia é seguida, de forma sutil, no decorrer da narrativa. Por isso, é possível identificar sons característicos como o barulho das criações dos assentados, de pássaros da região e das motos passando em frente às casas. Efeitos como a mudança de estação de rádio foram captados pelo aparelho da casa de Cesarina e Venceslau.

Como a rádio não possui um acervo com todos os programas gravados, os áudios das transmissões pelo Facebook foram usados para apresentar o trabalho dos locutores. Por ser uma ferramenta agregada à rádio com mais frequência nos últimos 5 anos, não foi possível registrar os programas mais antigos da Camponesa FM. Para marcar os momentos em que os programas estão sendo reproduzidos e dar uma quebra na sequência de falas, foi usado o efeito de voz sendo reproduzida pelo rádio, com os efeitos e interferências comuns do meio, ajustados aos efeitos de mudança de estação já citados anteriormente.

Para as músicas de plano de fundo, foram pensados em instrumentais sem direitos autorais que tivessem identificação com o público da rádio, e lembrassem canções que

tocam em programas como o “Viola Sertaneja”, por exemplo. Já as músicas com temática do MST que foram usadas no documentário são interpretadas pelo cantor, compositor e músico baiano, Rosaldo José. O artista, que faz parte do movimento, é colega do comunicador Zé Paulo e envia seu trabalho com frequência por WhatsApp para ser reproduzido na rádio de Palmares.

#### **4. Considerações Finais**

Falar sobre o rádio dentro de sua própria linguagem mostrou-se como uma construção rica de possibilidades e de alcance. O meio de comunicação centenário tem como base a simplicidade da comunicação oral e transmite, através de seus próprios recursos sonoros, educação, informação e cidadania. É a linguagem radiofônica que conduz a produção desse trabalho, pensado desde sempre como um produto para a própria comunidade representada.

Pelo formato de radiodocumentário, as histórias apresentam-se com profundidade e fluidez necessárias para ampliar discussões sobre direitos, lutas sociais, momentos históricos do país e, principalmente, sobre o impacto da comunicação na realidade das comunidades.

O contexto em que meios comunitários de comunicação estão inseridos tem influência direta na forma como se comportam. Esse aspecto é apresentado na produção a partir das perspectivas do próprio povo, por relatos históricos e atuais de suas realidades, além de elementos sonoros que auxiliem no acompanhamento do ouvinte pela linha do tempo narrativa.

A condução técnica foi estabelecida a partir da abordagem jornalística de modo a discutir as questões apresentadas e propor reflexões sobre o comportamento social ligado à comunicação, levando em consideração a perspectiva local e distante das representações da mídia hegemônica. O radiodocumentário “Camponesa FM: a ocupação do latifúndio da comunicação” apresenta a comunicação pela comunicação. A rádio pelo rádio.

## Referências

CÉSAR, C. **Rádio: a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

DETONI, Márcia. **MANUAL DE RADIODOCUMENTÁRIO**. Disponível em: <http://www.caduxavier.com.br/mackenzie/arq/4/marcia-detoni-1.pdf>. Acesso em: outubro/2023.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Delimitação conceitual de campesinato**. Texto, 2004.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

JOSÉ, Carmen Lucia. **História Oral e Documentário radiofônico**. Revista Conexão, v.2, no 3. Caxias do Sul: EducS, 2003

MODESTO, Cláudia Figueiredo; GUERRA, Márcio de Oliveira. **Mundialização e comunicação**: para além do rádio analógico. Contemporânea, Salvador, v. 9, n. 1, p. 67-83, maio 2011.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. V. 2. São Paulo. Expressão Popular. 2001.

OLIVEIRA, Edilene Mafra Mendes de; VIANA, Maria do Socorro da Costa. **Linguagem Radiofônica: o sistema de comunicação aplicado na divulgação científica no rádio**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – 2010, Caxias do Sul. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

OLIVEIRA, Manassés. **A regulamentação das emissoras comunitárias**. Online. Acesso em: outubro/2023.

<[https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/a\\_regulamentacao\\_das\\_emissoras\\_comunitarias/](https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/a_regulamentacao_das_emissoras_comunitarias/)>

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: participação na construção da cidadania**. Petrópolis. RJ: Vozes. 1998.

PESSOA, Sônia Caldas. **Radiodocumentário: gênero em extinção ou locus privilegiado de aprendizado?** In: FERRARETTO, Luiz Artur; KLÖCKNER, Luciano (org.). E o rádio?: novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: Edipucrs – Editora Universitária da Pucrs, 2010. p. 494-505.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - PAUTA PARA ENTREVISTAS

Pauta: Radiodocumentário Camponesa FM: A Ocupação do Latifúndio da Comunicação. Entrevistas em Palmares.

#### **Assentamento Palmares**

O Assentamento Palmares fica localizado no oeste do Ceará, no município de Crateús. Os camponeses estão há 30 anos no local e enfrentaram muita resistência para se firmar na região. O assentamento é considerado pelos próprios dirigentes do movimento como um dos mais organizados e articulados do MST no Ceará e tem o trabalho no campo, a política e a comunicação popular como grandes destaques. Nas últimas eleições, em 2022, um dos assentados, o "Missias do MST", se tornou deputado estadual, o primeiro representante do movimento na Assembleia Legislativa do Ceará.

#### **Camponesa FM**

A rádio teve início em 01 de abril 2011, pela frequência 95,7 e foi o terceiro projeto de comunicação comunitária radiofônica a ser desenvolvido pelo MST no Ceará. Os primeiros passos da Camponesa FM foram acompanhados com todo o suporte do movimento, assim como do curso da Universidade Federal do Ceará de Jornalismo da Terra e de projetos de extensão da própria UFC.

Um dos maiores êxitos da rádio é a grande participação popular na construção da programação. São donas de casa, agricultores e estudantes no comando de programas que refletem o cotidiano dos assentados.

Além dos desafios comuns às rádios comunitárias, como a falta de recursos e a disputa com outras plataformas de comunicação, a Camponesa FM enfrenta dificuldades após a recente mudança de gestão. A ausência do ex-coordenador político está sendo sentida tanto na condução da administração como no suporte técnico dos programas.

Recentemente, a rádio passou a sintonizar em 107,5 FM e os comunicadores buscam difundir a nova frequência entre os ouvintes. Na rede social Facebook, os locutores têm

encontrado uma nova forma de interagir com os ouvintes e integrar a plataforma ao trabalho de forma positiva.

### **Tópicos importantes a serem abordados:**

- O que antecedeu a ocupação das terras em Palmares.
- Início do Assentamento.
- Início da Camponesa FM.
- Repressão ao movimento e à rádio.
- Decisões em relação à outorga, potência e funcionamento.
- Cursos de formação para comunicadores populares.
- Rotina dos comunicadores e gestores dentro e fora da rádio.
- Politização da comunidade.
- Relação com ouvintes/assentados e características de rádio comunitária.
- Perfil dos ouvintes. Quem ainda ouve rádio?
- Divulgação de artistas locais.
- Pandemia do COVID-19.
- Problemas atuais de recursos e gestão.
- Relação com a internet.
- Perspectivas pro futuro do assentamento e da rádio.

### **Roteiro de Perguntas**

**Perfil 1 - Comunicador(a) que acompanhou a formação do assentamento Para comunicadores que acompanharam o início do assentamento.**

1. Como era a sua vida antes da construção do Assentamento Palmares?
2. Como você conheceu o MST?

3. O que você sabia sobre o MST antes de conhecer o movimento?
4. Como foi o processo de ocupação deste local?
5. Quais dificuldades vocês enfrentaram nessa época?

**Perfil 2 - Comunicador(a) que não acompanhou o início do assentamento. Perfil 1 também responde.**

6. Como foi o seu primeiro contato com a rádio? Como ficou sabendo desse projeto?
7. Por que você decidiu se tornar um comunicador da Camponesa FM?
8. Qual foi a sensação ao apresentar o primeiro programa?
9. Como é o seu programa?
10. Como você pensa e organiza o conteúdo do seu programa?
11. Existe alguma orientação do MST em relação ao conteúdo?
12. Quais músicas são escolhidas para serem tocadas durante o programa?
13. O programa costuma receber convidados? Quem são essas pessoas?
14. O que você acha que o seu programa tem de diferente dos programas de rádios comerciais?
15. Como você aprendeu a usar o equipamento técnico da rádio?

-

**Exclusivo para perfil 3: comunicador(a) esportivo(a)**

16. Como é feita a cobertura esportiva?
17. Quais os principais eventos que vocês fazem as transmissões?

-

18. O seu programa possui patrocinadores? Como essa negociação é feita?

19. Como é a sua rotina hoje em dia? Como concilia suas atividades com a rádio?
20. Você tem contato com os ouvintes do seu programa? Como é essa relação?
21. Qual o perfil desses ouvintes? Quem ainda está ouvindo rádio?
22. Como você acha que a rádio ajuda a comunidade?
23. Qual a sua relação com as redes sociais? Você usa para facilitar a comunicação com os ouvintes?
24. Você enfrentou ou enfrenta alguma dificuldade para apresentar o seu programa?
25. A pandemia afetou a rádio de alguma forma? Como foi esse período?
26. O Pedro Neto esteve à frente da Camponesa FM por muitos anos. Como tem sido esses últimos meses em que ele está mais ausente?
27. O que você vê de diferente de quando a rádio começou para hoje em dia?
28. O que você acha que a Camponesa FM pode melhorar?
29. Qual a importância da rádio para sua vida?
30. O que você deseja para o futuro da Camponesa FM?

**Perfil 4: Figura política importante para a rádio - Pedro Neto.**

1. Quais são as suas primeiras lembranças aqui no assentamento?
2. O que te levou a se tornar uma das principais lideranças da comunidade?
3. Como surgiu a ideia de ter uma rádio em Palmares?
4. Como foi o processo de financiamento da Camponesa FM?
5. Como o nome foi decidido?
6. Você foi um dos participantes do Curso de Jornalismo da Terra da UFC. O contato com essa graduação te auxiliou de alguma forma na construção e desenvolvimento da rádio?

7. O que foi feito para incentivar as pessoas do assentamento a se tornarem comunicadoras da rádio?
8. Como a programação foi pensada?
9. Qual a diferença dos programas da Camponesa FM para os programas de rádios comerciais?
10. Existe alguma orientação do MST em relação ao conteúdo que vai ser trabalhado nos programas?
11. Como a criação da rádio impactou a comunidade?
12. Quais apoios que a rádio recebe para seu funcionamento?
13. A rádio não possui concessão. Quais motivos influenciaram essa decisão?
14. Como foi lidar com a pandemia? Tiveram mudanças de funcionamento, programação ou conteúdo da rádio?
15. Como a rádio está agora? Algo mudou em relação à participação dos comunicadores?
16. Quais as principais dificuldades que a rádio enfrenta?
17. A Camponesa FM tem se mantido em funcionamento, apesar das dificuldades. O que tem feito ela seguir?
18. Quem são os ouvintes da rádio? Como as pessoas ouvem a emissora?
19. O Missias do MST foi eleito como o primeiro deputado estadual representante do MST no estado. O que a eleição dele significa para o movimento e pra comunidade?
20. Durante a campanha, a candidatura do Missias foi explorada na rádio de alguma forma?
21. O que você deseja para o futuro da Camponesa FM?
22. Existem projetos focados na melhoria da rádio?

**Perfil 5: Ouvinte**

1. Há quanto tempo você acompanha a Camponesa FM?
2. Como você acompanha a Camponesa FM? Internet? Rádio?
3. Além da rádio do assentamento, quais outras você costuma ouvir?
4. Qual foi o seu primeiro contato com a rádio? Como você ficou sabendo desse projeto?
5. Quais os programas que você costuma acompanhar?
6. Qual é o seu preferido e o que você mais gosta nele?
7. Como é a sua relação com os locutores? Você convive com algum deles aqui na rotina do assentamento?
8. Você sente falta de algo na rádio? Faria alguma mudança?
9. O que você deseja para o futuro da Camponesa FM?

## APÊNDICE B - ROTEIRO

RADIODOCUMENTÁRIO - CAMPONESA FM: A OCUPAÇÃO DO LATIFÚNDIO DA COMUNICAÇÃO

**Produção:** Lucas de Paula

**Orientação:** Ismar Capistrano

**Duração:** 36'13''

TÉC: BG - PALMARES PELA MANHÃ (GALO E PÁSSAROS) - 5''

TÉC: EFEITO - RÁDIO LIGANDO E MUDANDO DE FREQUÊNCIA.

TÉC: BG - MÚSICA DO MST. 7''

TÉC: EFEITO - RÁDIO MUDANDO DE FREQUÊNCIA.

TÉC: SONORA COM EFEITO DE VOZ EM RÁDIO - FRANCISQUINHA RODRIGUES - OCUPAR. 11''.

Por quê? Tu para e pensa, por que que os seres humanos chegam ao extremo de ocupar uma terra, de arriscar a vida, enfim, por que isso acontece?

LOC: O amanhecer no Sertão do Ceará tem som diferente em Palmares. A região, fruto de uma ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, foi conquistada, há 30 anos, sob o suor de muito trabalho e luta. Mas essa história teve início muitos anos antes.

TÉC: SOBE SOM BG MÚSICA 7''

TÉC: DESCE SOM

TÉC: SONORA FRANCISQUINHA RODRIGUES - DITADURA - 33”

A partir da ditadura militar, o povo brasileiro entrou em uma situação de tanta miséria que fazia até medo você amanhecer o dia e pensar como seria o seu dia. Por quê? Crianças morriam demais de fome, só fome mesmo, o povo passava tanta fome.

Aí não tinha um sistema de saúde, não tinha escola, não tinha nada. Nada, nada, além da roça ainda tinha as secas, e quando vinha devastava tudo.

LOC: As lembranças de Francisquinha Rodrigues, ex-professora e agricultora do Assentamento de Palmares, revelam a realidade de muitas pessoas que viviam no sertão cearense no período da ditadura militar no Brasil. De 1979 a 1985, nosso estado sofreu com uma das secas mais prolongadas da história do Nordeste. Pesquisas apontam que pelo menos 700 mil mortes aconteceram na época por consequência da estiagem.

TÉC: SONORA FRANCISQUINHA - 24”

Então, tudo isso ia se juntando assim na vida desse povo, que era um povo assim sem esperança. E tudo que eles tinham era um Deus, um Deus que favorecia os patrões e deixava eles naquela miséria e eles se acostumavam.

E tinha muito quem dizia para eles que Deus queria muito que os filhos deles morressem criança, para quando eles morressem, chegaram no céu, tinha um coro de anjo para receber eles. E eles se conformavam.

LOC: E é nesse período que chega ao município de Crateús, o Bispo Dom Frágoso, que defendia os princípios da Teologia da Libertação. O religioso levava, através do cristianismo, consciência política e social à população mais pobre da sua região.

TÉC: SONORA FRANCISQUINHA - DOM FRAGOSO - 53”

E ele começou a dizer para nós, os agricultores, que não existia esse Deus aí que nós acreditávamos, Deus era outro, era um Deus que não aceitava, que ia para a luta, que não sei o quê. E nós começamos a acreditar que ele estava certo, porque não era possível aquilo ali.

Então, aí nós começamos a criar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Aí ele arrumava alguns advogados que vinham e contavam para nós como era a lei, o que existia de lei, que a gente podia lutar por ali, só organizar, e aí o papai foi logo se associando e organizando, quando os filhos completavam 16 anos, ele já associava também, e aí nós fomos participando.

Aí a igreja, desde Dom Fragoso, não pregaram um Deus lá para o outro mundo, não, era um Deus bem aqui e agora, que não deixava nós esmorecer.

LOC: O contato desses agricultores com os movimentos sociais permitiu a aproximação com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, que teve início oficialmente em 1984, no 1º Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, no Paraná. Francisquinha recorda quando ouviu sobre o movimento pela primeira vez.

TÉC: SONORA FRANCISQUINHA - MST - 1'03”

e diz que eles chegam nas fazendas, tomam a terra, entregam pros agricultor, expulsa o dono da terra, faz não sei o que, mata não sei quem, eu digo o que é isso, eu quero saber que história é essa. Isso, umas duas ou três semanas chegou o pessoal do MST para articular a rainha pra procurar o bispo, aí o bispo não tava aqui e a equipe paroquial disse que não queria eles aqui, porque ia haver guerra, e eles não gostavam de guerra. Porque tem na cabeça do povo que a luta pela terra dá morte, né?

Aí eles saíram, nós fomos atrás deles, tavam na rodoviária pra voltar, nós trouxemos eles de volta pra cá pra nós conversar, porque é isso mesmo, como é, entender.

Aí conversamos, tudo bonitinho e em uma semana nós ocupamos a terra, lá em Nova Russas, no Itaurú. Então montamos o agricultor na madrugada aí, com o caminhão cheio, aí nós entramos numa terra, lá nessa terra nós brigamos com o dono da terra, com a polícia, e foi uma confusão grande demais, e aí terminamos a polícia tirando nós.

LOC: Mas após muito diálogo, união de forças e articulações, a conquista da terra era só uma questão de tempo.

Os participantes compartilhavam com esperança o êxito da primeira ocupação no Ceará, que aconteceu em 1989, no município de Madalena e recebeu mais de 400 famílias, de municípios como Quixeramobim, Boa Viagem e Canindé.

E assim, seguiram fortalecidos para a ocupação da Fazenda Serrote, em Crateús.

TÉC: SONORA FRANCISQUINHA - OCUPAÇÃO - 1'

Aí agora nós já estávamos mais ou menos sabendo os perigos e tudo. Primeiro nós ainda estávamos meio doidos, mas aqui a gente já sabia só organizar melhor.

Aí a nossa luta ali foi grande, porque foi uma luta de dois anos, mas foi uma luta que se nós não tivéssemos o apoio desse bispo, nós não tínhamos ganhado essa terra.

Porque era uma... Era tanta força do latifundiário aqui do município, dos latifundiários do estado todo e de outros.

E nós queríamos ganhar essa terra a qualquer custo, porque pra nós, dessa terra aqui, nós só saía mortos. Aí nós fomos tão ousados, nós fizemos logo casa. Nós não ficamos debaixo das barracas de lona. Negada, não vamos ficar em barracas de lona não, porque isso aí é muito provisório. Nós vamos fazer logo casa de barra com telha e vamos fazer as telhas.

Nós não tínhamos nem alimentação, nem nada. Nós fazíamos um chazinho pra tomar das cascas de pau, sem açúcar, sem nada. E madrugada nós já estávamos batendo barra e batendo telha pra fazer. E fizemos uma vila de casas.

LOC - E dessa forma, após dois anos de conflitos em diversas instâncias, nasce, oficialmente, no dia 28 de dezembro de 1993, no município de Crateús, o Assentamento Palmares, com nome que faz clara referência ao líder quilombola brasileiro, Zumbi dos Palmares.

TÉC: SOBE SOM - BG MÚSICA PRINCIPAL 8''

TÉC: INTERCALAR COM BG AMBIENTE PALMARES (CABRA, PÁSSAROS E MOTO)

LOC: Com o assentamento se estabelecendo na região, novas famílias foram chegando, como a do agricultor e comunicador popular de Palmares, Zé Paulo, que chegou sete meses após o início, apesar de não conhecer muito sobre o MST.

TÉC: SONORA ZÉ PAULO - CHEGADA - 28'

Eu vim saber do Movimento Sem Terra aqui quando eu cheguei aqui, e aí, tinha um militante do Movimento Sem Terra aqui do acampamento, o Paulo Caetano e aí ele começou a investir em conhecimento, só que ele, quando ele chegar no meu barraquinho, o livro, o papel, o papel escrito da história do Movimento Sem Terra, e aí, eu vi que ele estava querendo fazer uma preparação comigo para ingressar no Movimento Sem Terra,

LOC: No MST, o letramento político anda lado a lado com a educação, nos anos 80 e 90, os conhecimentos eram transmitidos de forma improvisada, muitas vezes pela oralidade. É o que reforça Francisquinha.

TÉC: SONORA FRANCISQUINHA - EDUCAÇÃO - 40''

O MST sempre incentivou muito a questão da educação, porque aí também nós percebemos que se nós não estudássemos com aquele analfabetismo todo, eu ia ser engolido muito mais fácil. Aí nós abraçamos a história de estudar. Nós começamos a estudar sem ter... O prefeito ia dizer que não podia botar uma escola lá, porque nós eramos ilegal e lá nós podíamos não ganhar, não sei o quê. Aí nós começamos a tem nada não, nós vamos estudar por nós, nós por nós, embora.

Aí era assim, quem sabia conhecer as letras, ensinava os outros a conhecer. Quem sabia fazer uma frase, ensinava os outros a fazer.

LOC: Apesar das dificuldades de acesso e investimentos, a educação voltada ao campo é uma das prioridades do MST em todo o país. Dessa forma, teve início em 2010, de forma inédita no Brasil, o curso de graduação em Jornalismo da Terra pela Universidade

Federal do Ceará, para estudantes ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e ao Movimento dos Atingidos por Barragens.

O assentado Pedro Neto estava há dois anos morando em Palmares, tinha um histórico de luta bem próxima ao movimento e foi um dos escolhidos para participar da graduação que formou 44 pessoas em 2013.

TÉC: SONORA PEDRO NETO - JORNALISMO DA TERRA - 52”

Meu nome foi indicado aqui pelo assentamento Palmares, a fazer parte da turma. Então foi daí também que começou o processo em relação à comunicação.

Daqui do assentamento fui eu e uma outra companheira, Antônia de Maria, que também concluiu o curso de jornalismo da terra e era daqui.

E a história da comunicação, inclusive do assentamento, também remete lá ao início, em 93, foi a época da ocupação. Quando eles ficaram cercados sem poder... não tinham acesso às rádios locais, né?

Criava-se um boletim, eles mesmos, escrito à mão. E esse boletim, eles faziam chegar nas comunidades, levando a informação do que era o acampamento, né? Então, isso foi bem interessante.

E aí, eu peguei todo esse processo e a gente começou a construir a possibilidade de a gente poder, de repente, construir uma rádio.

LOC - O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra já tinha a experiência recente da Rádio 25 de Maio, em Madalena, desde 2007, e da Rádio Lagoa do Mineiro, em Itarema, desde 2008, essa seria a terceira que chegaria para fortalecer a comunicação do movimento.

Pedro Neto dá detalhes sobre os primeiros incentivos para a construção dessa nova ferramenta de comunicação no assentamento.

TÉC: SONORA PEDRO NETO - INCENTIVOS - 55”

Então, o financiamento, a gente fez foi a solidariedade, né? De fato, assim, teve um juiz aposentado, né? Ele pediu que a gente não divulgasse o nome dele. Mas ele é um amigo

do MST, conheço há muito tempo. Ele disse, olha, eu financio, eu apoio, dou a estrutura maior, ou seja, a compra do transmissor, da torre. Que seria, digamos assim, os dois gastos maiores, né? Em termos de financeira. E a comunidade entrou com o prédio. Todo o trabalho coletivo de poder construir o prédio, né? Que hoje já funcionava vizinho à casa digital. A gente só ampliou e a comunidade de mutirão fez esse processo.

E também junto com a universidade, né? Nós estávamos na época ainda no curso. Conseguimos articular, através do professor Ismar Capistrano, uma formação aqui na comunidade, para que a gente pudesse trazer para a comunidade o que era a responsabilidade de ter um rádio, né? O que seria, como poderia ser.

LOC: Esse período de formação foi bem intenso, movimentou toda a comunidade e envolveu diversas representações, como reforça Zé Paulo.

TÉC: SONORA ZÉ PAULO - PREPARAÇÃO RÁDIO - 50”

Aí trouxe gente no Movimento Sem Terra, trouxe jornalista, trouxe advogado, trouxe tudo e aí um curso de 5 dias de pé enfiado, como diz o ditado, de 5 dias de pé enfiado, começando das 8 da manhã às 9 ou 10 da noite, foi de pé enfiado mesmo, me dava cansaço... e dizendo tudo como é que era, sobre a questão da segurança da rádio, os advogados, o advogado dizendo, preparando a gente para que se caso tivesse alguma repressão, saber como é que fazer e também, o jornalista também, chegou dois jornalistas, uma mulher e um jornalista também, dando força, bom, foi 5 dias nessa preparação toda aqui de formação

LOC: O suporte oferecido pela Universidade Federal do Ceará aconteceu por meio de projetos de extensão que trabalham pela democratização da comunicação no estado, como o Projeto de Apoio à Comunicação Alternativa, Cidadã e Comunitária, o Cacco, que segue atuante até hoje promovendo formações a diversas iniciativas de comunicação alternativa.

Mas mesmo com todo esse apoio, o frio na barriga ao apresentar o primeiro programa era inevitável. Zé Paulo recorda bem desse momento.

TÉC - SONORA ZÉ PAULO - PRIMEIRA VEZ APRESENTANDO - 45”

A primeira vez que eu peguei no microfone, valha meu Deus, quase que eu nem, e pior que era sozinho, e aí não tinha ninguém, e ainda ficava tremendo ainda, com o microfone na mão, e outra coisa era falar, você também tinha, tinha receio de falar, de se expressar, mesmo sozinho ali, porque a gente está sabendo que tem muita gente escutando, e no meu caso, nenhum mouse eu não sabia pegar, nenhum mouse eu não sabia pegar, porque você sabe, trabalho rural, sou acostumado com outras coisas, e vem uma rádio assim...

LOC: Para Francisquinha Rodrigues não foi diferente.

TÉC - SONORA FRANCISQUINHA - MEDO DO MICROFONE - 15”

Mas na hora da gente ir, mesmo assim, nós tínhamos tanto medo desse microfone. Porque era uma coisa tão distante de nós, chega a gente se tremia, mas nós enfrentava. Tanto medo desse microfone, meu Deus do céu.

LOC: Além disso, convencer os assentados que eles poderiam ser bons comunicadores também foi uma barreira, como destaca Pedro Neto.

TÉC - SONORA PEDRO NETO - COMUNICAR - 37”

Uma das coisas foi fazer eles acreditarem que nós poderíamos nos comunicar do jeito que nós somos, né? Logicamente tentando adquirir uma técnica ou outra de uma formação, mas sem perder a essência do que é.

Eu lembro que uma das coisas é, ah, eu não tenho voz, né? Aí a gente dizia, mas a gente não conversa? Nós não estamos se falando aqui? Então essa é a sua voz, então é ela que você tem que falar.

Porque no entendimento das pessoas era aquela voz de locutor de FM, aquele vozeirão que teria que ser para fazer rádio, né? E aí a gente foi quebrando, tirando essas questões e fazendo um verdadeiro trabalho de base mesmo, de convencimento.

LOC: E assim, no dia 1º de abril de 2011, o sonho, que poderia até parecer mentira, se tornou real, a rádio Camponesa FM estava no ar!

TÉC: SOBE SOM BG

TÉC: EFEITO DE RÁDIO MUDANDO FREQUÊNCIA

TÉC: BG - TRECHO PROGRAMA BRASIL EM MOVIMENTO - 20”

O nome foi decidido em consenso e carrega significados importantes ao movimento. Pedro Neto reflete sobre a escolha.

TÉC: SONORA PEDRO NETO - NOME - 50”

E aí a gente viu que o campo, esse nome camponesa, traz também a identidade das companheiras da luta das mulheres. Tinha muito isso também, né?

Então a rádio camponesa, trazer todo o histórico de que é a luta e localizar no campo, né? E o assentamento de reforma agrária. Então seria também que desse sentido de poder a gente pensasse assim, como é que as comunidades vão se sentir parte de uma rádio? Se botasse a rádio sem terra, né?

Então a gente achava que isso, mas a rádio camponesa abrange todo o público, né? Tanto da reforma agrária, do futuro familiar e quem mora no campo tem com essa relação. E quem está na cidade que tem relação lá. Lá do assentamento Palmares, a rádio camponesa.

Então de certa forma foi com essa análise e aí em reunião de forma coletiva a gente fez votação e ficou definido que seria a rádio camponesa.

LOC: E nesse início, a rádio contou com a participação e o apoio massivo do assentamento, tanto para a construção de uma grade completa e diversificada de programas como para o apoio ao trabalho de cada comunicador popular. Zé Paulo compartilha suas lembranças desse período.

TÉC: SONORA ZÉ PAULO - 57”

E aí a febre de locutor foi grande, 25 pessoas, aquela maior explosão todo mundo satisfeito, e continuando, e o momento era bom também, o momento era bom, porque olha, a rádio tinha, neste tempo não tinha site, não tinha aplicativo isso era mesmo no

raio, e aí esses estudantes das escolas, de tudo aí, tudo ligando, tudo mandando os papeizinhos para ser divulgado, e a rádio ganhou dinheiro a rádio, tem um transmissor aí que deu problema, é dos antigos, é tecnologia antiga, e ele deu problema, e nós compramos isso aí imediatamente, custou 7 mil e pouco

LOC: E mesmo sem a concessão de outorga para funcionamento, a Camponesa FM se estabeleceu na região. Por ser uma Rádio Livre, não foi necessário seguir limitações de alcance. Estima-se que o sinal da rádio explora cerca de 80 quilômetros de diâmetro, atingindo regiões como Curral do Meio, Curral Velho, Ibiapaba, Poti e claro, todo o município de Crateús.

O meio de comunicação possibilitou que mais localidades do estado conhecessem sobre a história do MST, como recorda o aposentado e ex-comunicador popular da rádio, Venceslau Lopes.

TÉC: SONORA VENCESLAU - PERFIL DA RÁDIO - 1'

E aí a gente colocava as notícias muito mais das lutas, dos movimentos, mas sem notícias de violência, era seletivo. Fazia um seletivo para que fosse mais notícias de informes de luta, de informação para o trabalhador, mais direcionada à classe trabalhadora.

Aí eu lembro muito bem de um cidadão que ligava e me perguntava, me diga uma coisa, você tem muito conhecimento, qual é o seu grau de instrução, você é formado? Eu disse, não, aqui nós temos muitas ajudas, porque, de fato, a gente contribuía, concordava com um para o outro, para que ele desse uma opinião, uma deixa para que a gente pudesse colocar. E a gente colocava. Aí eu lembro muito bem, nessas crônicas, muita gente colocava, que as crônicas, além de ser atualizadas, eram muito bem verbetizadas, eram muito bem colocadas.

LOC: Cada programa estabelece a sua própria identidade, mas o que une todos eles é a proximidade com a linguagem popular e com os as idéias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Pedro Neto coordenou a Camponesa FM por 10 anos e conta como o conteúdo dos programas era pensado.

TÉC: SONORA PEDRO NETO - CONTEÚDO - 1'20''

A nossa rádio, ela é alinhada à comunicação do MST, né?

Comunicação do setor de comunicação. É uma das questões que a gente considera importante é... Nós não tornamos a rádio um panfleto do que o MST discute, né? Mas através da comunicação, das suas diversas programações, tentar levar a mensagem. O que é, por exemplo, a reforma agrária? O que é que nós pensamos pra sociedade? Então uma das questões, algumas... Isso é censura, né? A questão das músicas. A gente começou realmente a ter definições de que música que... Faz aí a questão da violência contra a mulher, né? Prega a violência, a questão da bebida. Mas cortamos várias dessas músicas porque...

Não convém com o projeto que a gente defende. Então a ideia é formar opinião, então não podia ser uma rádio pra repetir o que as outras já faziam. Teria que ser diferente no sentido de trazer a mensagem da sociedade que a gente pensa.

Ou seja, da relação de gênero, da relação social, das relações políticas. Nós nunca levamos a história do partido pra dentro da rádio, mas deixamos sempre a mensagem muito clara de qual lado nós defendemos.

E aí se o partido A ou o partido B se identifica com isso, logicamente ele tá sendo contemplado com o que a gente tá dizendo. Mas apesar de dizer na rádio que a gente defende o partido A ou B, nós nunca fizemos isso.

LOC: A seleção mais criteriosa de músicas aos programas da Camponesa FM permite a divulgação, não apenas de artistas locais, como de artistas do próprio movimento de todo o país.

TÉC: SOBE SOM - BG MÚSICA - 15''

LOC: Essa linguagem mais próxima à realidade dos assentamentos gerou forte identificação do público, principalmente dos ouvintes mais velhos. Como é o caso da pedreira e agricultora, Cesarina Rodrigues, de 60 anos, que mora em Palmares desde 2003.

TÉC: SONORA CESARINA - RÁDIO - 50”

Eu não consigo viver sem uma rádio, cedo da manhã, quando eu me levanto, já... eu acho que antes de botar a chaleira no fogo pra fazer o café, primeiro eu ligo a rádio eu sou... não me ligo muito pra televisão, mas agora a rádio muitas vezes eu sou capaz de colocar o meu celular numa rádio pra trabalhar no quintal ou ouvir na rádio eu sou viciada em rádio.

Um dos programas que eu ouvia demais é o programa do Sr. Raimundo Bom Bom, que ele ainda faz, né que amanhã cedo eu sou a ouvinte certa do Sr. Raimundo e eu, apesar dele não ter estudo algum, né porque ele é analfabeto, mas é um dos melhores locutor da rádio, inclusive eu acho porque é uma pessoa que não tem leitura nenhuma e comandar um microfone sem tremer, sem... é assim, louvável, né é uma coisa... eu sou fã número um do Sr. Raimundo.

TÉC: RÁDIO MUDANDO FREQUÊNCIA

TÉC: BG - RAIMUNDO BOMBOM APRESENTANDO - 6”

LOC: Ter assentados como Raimundo Bombom se reconhecendo como grandes comunicadores foi uma conquista para toda a comunidade. Assim como ele, outras figuras importantes para o assentamento se mostraram. Pedro Neto revela o perfil desses locutores.

TÉC: SONORA PEDRO NETO - 28”

São pessoas que já estavam contribuindo bastante com o assentamento, chegou naquela fase assim, não, vou me recolher, vou poder cuidar aqui da saúde, da família, mas quando a rádio chegou eles novamente se inseriram na rádio e automaticamente se inseriram na comunidade, né. Boa parte voltaram a contribuir novamente com as coordenações, com o setor da comunidade, com as equipes. Por quê? Porque a rádio não tá isolada, foi um cuidado que a gente teve desde o início, que a gente não isolasse, né.

LOC - E no comando da programação da Camponesa FM, tem comunicador e comunicadora de todas as idades, como no programa Sem Terrinhas em Ação, onde as crianças assumem os microfones.

TÉC - EFEITO RÁDIO MUDANDO ESTAÇÃO.

BG - TRECHO 1 PROGRAMA SEM TERRINHAS. - 13”

TÉC - EFEITO RÁDIO MUDANDO ESTAÇÃO.

BG - TRECHO 2 PROGRAMA SEM TERRINHAS. - 15”

LOC: A participação ativa na construção e desenvolvimento da rádio despertou ainda mais o senso de solidariedade entre comunicadores e ouvintes. A Camponesa FM se mostrou como uma ferramenta social fundamental para o movimento.

Venceslau foi um dos beneficiados por esse apoio. Em 2012, quando sofreu de problemas cardíacos, precisou de ajuda para realizar o tratamento em Fortaleza.

TÉC: SONORA VENCESLAU - APOIO - 1’11”

Eu fui da equipe esportiva, também da equipe jornalística. E aí, assim... A gente tinha um trabalho nas comunidades. A equipe esportiva tinha um trabalho nas comunidades, que ia no futebol, nas comunidades. Eu juntava gente e tudo. Então era muito popular. A rádio era muito... Tinha um apoio popular muito grande. E o colega Calisto Melo, que ainda hoje está na rádio, teve a ideia de fazer um evento promocional pra proporcionar condição pra eu viajar, deslocar com a família. O tratamento foi em Fortaleza. E isso foi de uma sorte muito grande, graças a Deus. Que aí os apoios vieram... Os apoios incontestáveis, sabe? Foi uma coisa muito... Muito, assim... Confirmando a importância da rádio na região. Foi feito isso escondido, mas foi feito com outras pessoas da região também.

Eu lembro que a gente fazia bingo beneficente. A gente fazia leilões beneficentes. Uma coisa que juntava a cultura do povo com o benefício que estava ajudando alguém.

LOC - Venceslau conseguiu se recuperar e segue acompanhando a Camponesa FM pelo radinho preto que tem na cozinha de casa.

O aposentado coleciona boas recordações, principalmente do período em que participava do Parada Esportiva, um dos programas de maior sucesso da rádio, apresentado por Calisto Melo.

O Parada Esportiva ganhou destaque em toda a região por fazer transmissões de jogos de futebol locais e importantes ao movimento.

Clodomir Lopes é um dos integrantes do programa e participa das transmissões como repórter. O agricultor dá detalhes de momentos marcantes que viveu nas coberturas dos jogos.

TÉC: SONORA CLODOMIR - ESPORTE - 50”

No Castelão, nós fizemos. Foi a final da Copa da Reforma Agrária. Muito bom. Tivemos, as entrevistas com Afonsinho, ex-jogador do Botafogo, já um veterano de jogo lá. Foi feito um jogo de lembrança mesmo dos veteranos, antes do início do jogo, lá dentro do Castelão. Muito bom. Muita emoção a gente teve também na transmissão do Calisto.

O Calisto vem com um bom desenvolvimento na narração dele. E eu faço a parte da reportagem, mas ele, acompanhando ele. Então, esse foi um dos jogos que mais emocionou a gente, mais motivou a gente.

A gente leva o equipamento para lá, né? De lá, a gente faz a... Onde tem internet, né? Onde tem internet, a gente leva o equipamento. Primeiro, nós fazíamos o seguinte. Nós levávamos uma antena e fazíamos no celular direto para a rádio.

TÉC: EFEITO DE RÁDIO MUDANDO DE FREQUÊNCIA

TÉC: BG - TRANSMISSÃO DE JOGO - 6”

TÉC: SONORA CLODOMIR - INTERNET - 26”

Aí, como agora evoluiu sobre a internet, ou coisa... Os telefones caíram da rádio, que nem na rádio nós não temos telefone para atender na hora, né?

De vez em quando, não temos. A gente só faz a nossa live. Aí, a gente leva o equipamento para lá, faz toda a nossa narração lá, toda a transmissão do nosso jogo lá, direto para a Camponesa.

Então, é feita a transmissão do jogo mesmo lá, direto para a rádio. É, direto para a rádio. Nós faz direto para o Facebook e para a rádio. Tudo, né?

LOC - Além das transmissões dos jogos, alguns programas da rádio também passaram a ter transmissão pela rede social Facebook. A nova forma de levar a comunicação aproximou ainda mais o público, que passa de seis mil e seiscentos seguidores na página oficial da Camponesa FM.

O Whatsapp também encurtou essas distâncias entre locutores e ouvintes. No entanto, comunicadores como Zé Paulo observam que a popularização das redes sociais no assentamento tem diminuído o contato das pessoas com a rádio.

TÉC: SONORA ZÉ PAULO - 30”

O pessoal novo, eles não ligam mais para a rádio, o pessoal novo, o que liga para a rádio, é as pessoas mais experientes, que nós chamamos de velhos, e que não tem muito, não quer saber muito de celular, não quer saber muito, e esse tipo de gente, falando assim, tem muito ainda, pessoas que não querem saber de celular, aí liga na rádio, são as pessoas assim, que, tipo de música, as pessoas que não gostam daquelas músicas atualizadas.

TEC - SOBE SOM BG MÚSICA

TEC - BG PEDRO NETO INFORMANDO SOBRE O COVID - 25”

LOC: A partir de março de 2020, a pandemia de COVID-19 tomou proporções globais e afetou diretamente a rotina do Assentamento Palmares.

Com as medidas de isolamento social, os moradores precisaram diminuir o contato próximo e diário de uma comunidade tão integrada.

A Camponesa FM se tornou então, uma ferramenta de contato do povo com a própria comunidade, além de espaço para reforçar medidas de prevenção contra o vírus.

Nesse período, a fé precisava estar fortalecida. Cesarina, além de ouvinte da rádio, é uma das líderes da igreja católica em Palmares e precisou se fazer presente na programação da rádio.

SONORA CESARINA - COVID - 1'05

Porque aí o pessoal não podia participar presencialmente e aí eu ia fazer as celebrações na rádio, né pra transmitir tanto pro pessoal daqui quanto pro pessoal da vizinhança que não tinha condição de estar indo a gente ia fazer as nossas novenas na rádio

A gente sempre ia em dois ou três pessoas, né e aí a gente, pra tirar o terço, e...

Iniciava, né, cumprimentando os ouvintes e aí fazia a abertura e a gente fazia a oração do texto na rádio e foi uma coisa bem aceita, porque na época da pandemia, né que ninguém, que todas as pessoas, quem tava com o problema tava amedrontado, né, com medo de pegar, outros já com ansiedade devido de não ter convívio com as pessoas

TÉC: EFEITO RÁDIO MUDANDO FREQUÊNCIA

TÉC: BG - ORAÇÃO DO TERÇO - 20''

LOC: Após o início das flexibilizações em relação à pandemia do Coronavírus, em 2022, teve início a campanha do Missias do MST, assentado de Palmares que foi eleito o primeiro deputado estadual do Movimento Sem Terra do Ceará.

Para se dedicar à Campanha, o então coordenador da rádio, Pedro Neto, precisou se afastar de suas funções. O afastamento foi somado a conflitos internos, mudança de frequência e problemas financeiros agravados pelo Covid-19.

Zé Paulo lamenta a atual ausência de locutores e de apoio à rádio.

TÉC: SONORA ZÉ PAULO - ATUALMENTE - 1'10''

De tudo só ficou eu e a Livramento, de tudo, não ficou mais ninguém, é eu que, aí eu chego num momento, quando eu vi a coisa de desandar mesmo, querer se acabar eu deixo a Livramento, se você quiser, não quiser que a rádio caia, é eu e você, não tem outro, não tem mais quem queira não, é eu e você, e aí o que que acontece, eu vou buscar os apoio, segunda-feira eu vou buscar, eu vou na moto, na minha moto, perdi o meu dia, e a gasolina que eu vou, cheio de tudo, com o dinheiro que eu dou pra ela, ela organiza tudo direitinho aí, e no aço também parou, com esse negócio de pandemia, e agora com a saída com o Pedro Neto na política saiu, e aí parou,

Então, ficou eu e ela, Livramento, nessa questão de, tanto de administração, como de manutenção, quando tem um problema, Livramento, a rádio tá com isso, isso, isso, isso, como é que nós fazemos, aí nós, eu mais ela, nós perguntamos, qual seria o melhor, nós levamos pra Crateús, ou pra Ipaporanga, ou como é que nós fazemos, e sem dinheiro também, livre, nem pouco, aí nós escolhemos a melhor proposta, aí eu vou.

LOC: O ex-comunicador popular Venceslau aponta alguns fatores que influenciaram esse desgaste entre os locutores.

TÉC: SONORA VENCESLAU - 1'20''

Olha, eu acho que, eu inclusive sou suspeito de colocar essa história, não pode alguém entender que é ressentimento, mas houve um grupismo, e aí o grupo que tomou a direção, tomou algumas atitudes, que acabaram contrariando as outras pessoas, e elas foram se afastando. Um se afastaram naturalmente, porque não havendo remuneração, acabaram se desligando. As outras acabaram se desgostando, porque o grupo era exigente, o grupo exigia, e aí às vezes tinha um ciúme daqui, um ciúme dali, essas coisas que acontecem em grupo, acontecem, acho que não é culpa da rádio, não é culpa do grupo, são coisas que acontecem naturalmente.

LOC - Apesar dos problemas, os comunicadores ainda resistem, pelo compromisso com o movimento e por amar o que fazem. Desistir não é uma opção.

Clodomir Lopes é um dos locutores que permanecem na camponesa FM. Além do programa esportivo, o agricultor comanda o Viola Camponesa nas manhãs de domingo. Ele confessa que não é fácil administrar o trabalho na rádio com a rotina do campo.

TÉC - SONORA CLODOMIR LOPES - ROTINA CANSATIVA E COMPROMISSO - 35''

É cansativo, né? Você sabe que a gente já chega 11 horas do serviço, né? Chega 11 horas, aí corre pra rádio, fazer o programa até meio dia. Então, a gente vai porque a gente tem aquele gosto de fazer. A gente só vai porque, pra nós trabalharmos como nós trabalhamos voluntariamente na rádio, é quem tem vontade de fazer. Quem tem vontade de fazer o programa, vai lá e faz. Mas o cansativo é grande, a gente chega abatido

mesmo. Aí vai porque a gente tem aquele compromisso e quer honrar com o compromisso da gente.

LOC: Esse compromisso se une ao retorno diário dos ouvintes, tanto pessoalmente, quanto pelas redes sociais. São espectadores que estão além dos limites do alcance das ondas do rádio, em países como Bolívia, Estados Unidos e Noruega. Zé Paulo reforça que essa relação é crucial para que a rádio siga viva e resistindo.

TÉC: SONORA ZÉ PAULO - 28”

E aí, tem dia que eu tô até com falta de vontade de vir, mas respeitando os ouvintes, eu venho, eu venho porque eles tão esperando.

E por isso a rádio não pode, a rádio não pode cair, essa rádio, não pode, e aí tem que ter essas pessoas assim como eu e a Livramento, que nós estamos aí tentando, lutando.

Eu ando por aí, vejo as pessoas e digo assim, eu estou esperando para o programa, estou esperando, tem gente aí que diz, aí me vê lá para a rua, para me ver por aí, quer dizer, eu tenho este compromisso com os ouvintes, porque eles gostam, e aí eu tenho que estar aqui,

TÉC: EFEITO DE RÁDIO MUDANDO DE ESTAÇÃO.

TÉC: ZÉ PAULO APRESENTANDO O PROGRAMA - 25”

TÉC: SOBE SOM BG MÚSICA 2 - 15”

TÉC: DESCE SOM

LOC: Chegamos ao fim do radiodocumentário “Camponesa FM: A Ocupação do Latifúndio da Comunicação”. A produção é um projeto experimental realizado pelo curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Com produção, edição e locução de Lucas de Paula e orientação geral de Ismar Capistrano.

TÉC: SOBE SOM BG MÚSICA 2 - 30”.